



Ações e vivências

de uma Assistente Docente na
Escola Indígena Kanata T-Ykua

Isabela Lira Saburá

Maria Quiteria Afonso Menezes

Lucilene Pacheco Santos

Ações e vivências de uma Assistente Docente Escola Indígena Kanata T-Ykuia

Isabela Lira Saburá¹¹⁷

Maria Quiteria Afonso Menezes¹¹⁸

Lucilene Pacheco Santos¹¹⁹

RESUMO

O presente relato aborda experiências e práticas docentes exercidas no Projeto Assistência À Docência (PAD) do Laboratório de Ensino, Pesquisas e Experiências Transdisciplinares em Educação (LEPETE) e a importância desses para a formação de jovens professores que visam promover um ambiente educativo em sintonia com a diversidade cultural dos estudantes. Pretendeu-se destacar as práticas pedagógicas exercidas na Escola Indígena Municipal Kanata T-Ykuia, onde foi possível incorporar metodologias experienciais em sala de aula, considerando, valorizando e respeitando conhecimentos tradicionais do Povo Kambeba; trata-se de uma reflexão sobre as

117 Acadêmica do curso de Licenciatura em Letras da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). E-mail: ilsb.let17@uea.edu.br

118 Vice-líder de Pesquisa do LEPETE/UEA/CNPq; Coordenadora do Projeto Assistência à Docência (PAD); Professora Assistente da Escola Normal Superior-UEA. E-mail: mqmenezes@uea.edu.br

119 Professora e pesquisadora do Lepete/UEA/CNPq; Coordenadora Pedagógica do PAD; Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério/DDPM/SEMED/Manaus, E-mail: lucilene.santos@semed.manaus.am.gov.br

perspectivas próprias da educação indígena, tendo em vista práticas docentes que visem mais a autonomia e a liberdade.

Palavras-chave: Experiências. Práticas docentes. Povo Kambeba. Autonomia. Liberdade.

ABSTRACT

This report discusses experiences and teaching practices carried out in the Teaching Assistance Project, of the LEPETE program - Laboratory of Teaching, Research and Transdisciplinary Experiences in Education, and their importance for the training of young teachers who aim to promote an educational environment in line with the cultural diversity of students. It was intended to highlight the pedagogical practices carried out at the Municipal Indigenous School Kanata T-Ykua, where it was possible to incorporate experimental methodologies in the classroom, considering, valuing and respecting traditional knowledge of the Kambeba People, it is a reflection on the perspectives of the indigenous education, with a view to promoting teaching practices that aim more at autonomy and freedom.

Keywords: Experiences. Teaching practices. Kambeba people. Autonomy. Freedom.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este relato tem como objetivo apresentar minhas experiências no PAD do LEPETE, em parceria com a Universidade do Estado do Amazonas (UEA) e a Secretaria Municipal de Educação da cidade Manaus (SEMED), com ênfase na “bagagem” adquirida em ações realizadas nos dias 31 de março e 23 de junho de 2022 na Escola Indígena Municipal Kanata T-Ykua.

O PAD me concedeu a oportunidade de ainda, enquanto graduanda em uma área de licenciatura (Letras), poder experienciar diferentes realidades educacionais da cidade de Manaus, enriquecendo meu repertório docente para o desenvolvimento de práticas educacionais mais sensíveis, centrada nos educandos e suas subjetividades. E assim, quero garantir aos meus alunos futuros, uma sala de aula holista, com as portas abertas para receber todos que buscarem por ela.

A educação é um direito básico em nossa sociedade, imersa na realidade de cada escola integrante do PAD, observo como ainda temos muito a avançar, não por falta de vontade dos educadores responsáveis, mas por escassez de motivações para desdobramentos necessários para esses avanços conseguirem fluir; uma das principais “bandeiras levantadas” pelos povos indígenas, por exemplo, é a luta por uma educação mais autônoma, para eles, o espaço escolar necessita dialogar com a realidade de cada povo, precisa abranger todas as perspectivas educacionais que cada comunidade demanda para esta escola também ser um local de valorização dos etnoconhecimentos.

No decorrer das ações do PAD na Kanata T-Ykua fui aprendiz, exercitei a importância de saber ouvir, que a sala de aula é onde nós estamos, nada é irrelevante, tudo tem sua importância. Neste relato, reafirmo o quão importante é o respeito à liberdade dos educandos, muito bem estabelecida na cultura dos Povos Indígenas, ressalto os Kambebas, também defendida por Paulo Freire, pois ela, acima de tudo, liberta o melhor do ato docente.

OS CAMINHOS QUE ME LEVARAM AO PAD

A educação para mim é o “abre-alas” das melhorias sociais, é a base para que tenhamos nossos direitos básicos preservados e respeitados, as consequências de ser aluna de escola de periferia, sem estrutura suficiente para atender as demandas da comunidade escolar, me encorajaram a retornar aos espaços educacionais para continuar na luta pela educação pública de qualidade. Selma Pimenta, em seus estudos sobre formação docente e novas gerações de professores, afirma que “É na leitura crítica da profissão, diante das realidades sociais, que se buscam os referenciais para modificá-la”. (1997, p. 7). Fiz os vestibulares, ambos para Licenciatura, passei e optei pelo curso de Letras Língua Portuguesa na UEA.

A Universidade é dura com quem ela não costuma receber; minha realidade de escola pública não condizia com a daqueles que estudaram em escolas onde boa parcela das turmas ocuparam as vagas nas federais e estaduais. Na minha turma do terceiro ano, somente eu e um grande amigo, que também cursa Licenciatura, chegamos à academia, somos jovens negros em cursos não tão elitizados, no entanto, o ponto dos nossos diálogos é a dificuldade de permanência nas universidades que estamos. Na tese intitulada *A Construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser*, de Sueli Carneiro (2005) argumenta que:

A experiência de entrar na universidade se apresenta como um rito de iniciação para a maioria dos estudantes negros. Há um percurso comum. O jovem é pobre, estuda em escola nas quais consegue ter bom ou excelente desempenho, uns e outros dizem que é inteligente, gosta de estudar e acha que entrar na Universidade é a continuação de um processo natural. Mas subitamente tudo é negado (p. 286-287).

No movimento estudantil universitário assegurei o meu espaço e também o espaço daqueles que vêm a seguir, conheci as professoras Eglê Wanzeler e Maria Quiteria Afonso, ativistas nas organizações

políticas da Universidade. Por conseguinte, o LEPETE e logo dei início aos processos para integrá-lo. Tentei por dois anos seguidos até ser selecionada, a recepção dos professores responsáveis pelos assistentes docentes (AD) foi muito gratificante. É na convivência diária que valorizo cada esforço meu desde o momento em que, ainda secundarista, decidi ser educadora.

A Assistência à Docência é uma jornada movida pelo amor ao saber, te desafia a buscar ser uma educadora voraz na caminhada educacional, a maneira como as práticas pedagógicas exercidas pelo projeto transpassam as barreiras da academia, é um dos motivos pelo qual almejei integrar o espaço, o acolhimento no laboratório, a sensibilidade dos coordenadores em manter um ambiente para que nós, futuros professores(as) titulares da educação básica, saibamos a necessidade de lutar e buscar melhores processos teórico-metodológicos no campo de ensino e aprendizagem, sem esquecer que a afetividade é um esteio nas salas de aula.

Dada a natureza do trabalho docente, que é ensinar como contribuição ao processo de humanização dos alunos historicamente situados, espera-se da licenciatura que desenvolva, nos alunos, conhecimentos e habilidades, atitudes e valores que lhes possibilitem, permanentemente, irem construindo seus saberes fazeres docentes, a partir das necessidades e desafios que o ensino, como prática social, lhes coloca no cotidiano (PIMENTA, 1997, p. 6).

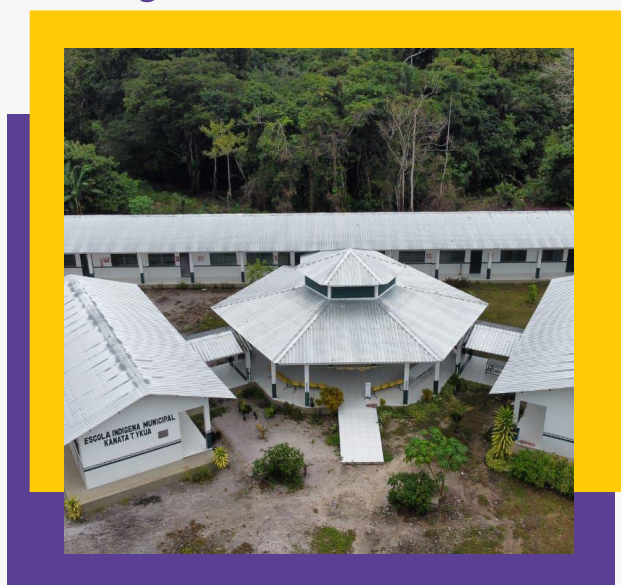
Ao longo do fazer das experiências/docente (2022-2023) no PAD, observei como ensinar requer mais do que entrar em uma sala de aula e encher um quadro de “conteúdos”, não é um simples repasse de ideias de alguém que fala e outrem escuta. É comensurar simultaneamente percepções e vivências, onde ensinar não é transferir conhecimentos, o saber ensinar, como ensinar em seus contextos. Tanto o papel de estudante quanto o de professora têm as mesmas importâncias. Freire diz que:

Não há nada que mais contradiga e comprometa a emersão popular do que uma educação que não jogue o educando às experiências do debate e da análise dos problemas e que não lhe propicie condições de verdadeira participação (1991, p. 93).

A vivência em diferentes contextos escolares, lidar com desafios e complexidades de escolas em região periférica, rural, ribeirinha e indígena, no total são nove instituições, em parceria com graduandos de diferentes campos específicos, é uma experiência inédita. Deste modo, reconheço a proeminência de estabelecer vínculos com diferentes processos de ensino e aprendizagem, colocando-os em prática diariamente no PAD.

A LUZ DO SABER: KANATA T-YKUA

Figura 1: Imagem aérea da E. I. Mul. Kanata T-Ykua



Fonte: Rede social da instituição (2022)

A Escola Municipal Indígena Kanata T-Ykua está na Comunidade Indígena Três Unidos, um território Kambeba, localizado no rio Cuieiras, afluente do Rio Negro, foi incorporada ao município de Manaus em 2014, após redefinição da divisão político-geográfica do Estado do Amazonas. Tornou-se escola indígena municipal seguindo

os parâmetros da lei municipal nº 2.781, de 16 de setembro de 2021, sendo regida pelo diretor Raimundo Cruz Kambeba, formado em Pedagogia Intercultural Indígena pela UEA e importante liderança indígena para a região.

O nome da escola significa “luz do saber” oferece o ensino para Educação Infantil e o ensino fundamental I, no sistema de salas multisseriadas. Atende pelo turno matutino. É dividida em três blocos de salas interligados por um salão de entrada; o primeiro é o bloco administrativo, com diretoria, depósito de materiais, coordenação pedagógica; o segundo com o total de seis salas de aula, além da biblioteca, onde funciona ainda a sala de informática e o terceiro com os banheiros, cozinha e refeitório.

Figura 2: Artefatos Kambeba na entrada da escola



Fonte: Arquivo pessoal (2022)

A estética da escola é marcada por grafismos e objetos artísticos produzidos pela própria comunidade, simbolizando a influência direta que todos os presentes têm no desenvolvimento do currículo da escola, orientando sobre habilidades e conhecimentos despertados nas crianças; todos que trabalham na escola moram nas redondezas, são parentes próximos dos alunos. Sobre esta cultura organizacional e a relação com a educação Daniel Munduruku afirma que:

A educação indígena é muito concreta, mas, ao mesmo tempo, mágica. Ela se realiza em distintos espaços sociais que nos lembram sempre que não pode haver distinção entre o concreto dos afazeres e aprendizados e a mágica da própria existência que se ‘concretiza’ pelos sonhos e pela busca da harmonia cotidiana. Isso, é claro, pode parecer contraditório à primeira vista, mas segue uma lógica bastante compreensível para nossos povos, pois não é uma negação dos diferentes modos de coexistência, como se tudo fosse uma coisa única, mas uma forma de a mente operacionalizar o que temos a pensar e viver (2012, p. 67).

A construção de um espaço escolar indígena que atenda às subjetividades e complexidades de cada povo, é um direito conquistado através de incansáveis lutas, o decreto Nº 6.861, de 27 de maio de 2009, regulamenta a modalidade educacional e tem como objetivo a valorização das culturas dos povos, além da afirmação e manutenção de suas diversidades étnicas e linguísticas (BRASIL, 2009). A escola Kanata T-Ykua, em sua estrutura, funcionamento e organização escolar, determina sua autonomia ao reafirmar a todo momento a identidade Kambeba, fortalecendo cotidianamente suas práticas socioculturais e educacionais.

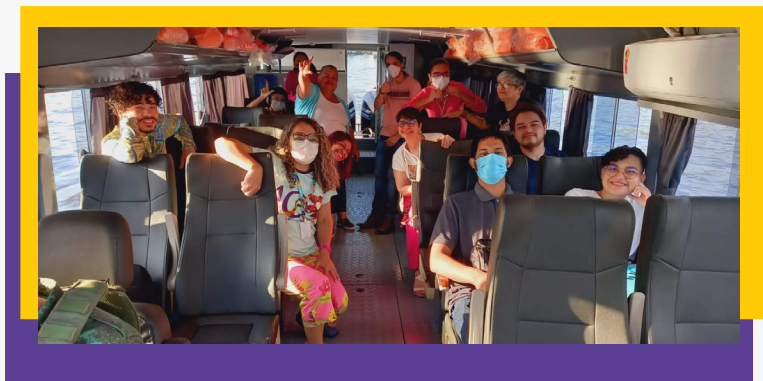
NOTAS DE UM DIÁRIO PEDAGÓGICO DAS AÇÕES DO PAD: RIO CUIEIRAS 31 DE MARÇO DE 2022

Iniciamos a viagem...

Das aventuras lepetianas, os dias na escola Kanata são os mais atípicos, a paisagem tomada por rio e a floresta durante todo caminho é o cenário de importantes diálogos entre AD e professoras formadoras. Dependendo dos períodos de seca ou cheia do rio, desembarcamos em lugares diferentes, como na minha primeira vez, em que descemos em frente ao cemitério, localizado exatamente na entrada da escola. Nas perguntas ao gestor da escola, Raimundo Kambeba, soube que

foi construído antes, pois a escola ficava em outro local dentro da comunidade; porém, para a construção desta escola em alvenaria e com melhor estrutura foi decidido pela comunidade a construção da escola no entorno do sepulcrário.

Figura 3: Navegâncias pelo Rio Negro – o caminho até a escola Kantata T-Ykua



Fonte: Arquivo LEPETE (2022)

A recepção fica por conta do café da manhã preparado pela equipe pedagógica da escola: Vânia Santos, responsável pela alimentação de todos, representando um momento de muitas trocas necessárias para o desempenho da ação do PAD na instituição.

De acordo com o Decreto Nº 6.861/2009, que dispõe sobre a Educação Escolar Indígena, definindo a organização em territórios etnoeducacionais estatui no Art. 1º que A educação escolar indígena será organizada com a participação dos povos indígenas, observada a sua territorialidade e respeitando suas necessidades e especificidades. E complementa no Art. 3º:

Será reconhecida às escolas indígenas a condição de escolas com normas próprias e diretrizes curriculares específicas, voltadas ao ensino intercultural e bilíngue ou multilíngue, gozando de prerrogativas especiais para organização das atividades escolares, respeitado o fluxo das atividades econômicas, sociais, culturais e religiosas e as especificidades de cada comunidade, independentemente do ano civil (BRASIL, 2009).

A turma contava com 5 alunos presentes; ao entrar na sala dizendo “Bom dia, crianças!”, responderam: “Katu xisi!”. As saudações são na língua materna das crianças, a turma me ensinou; fiz uma nova entrada, dessa vez dizendo “Katu xisi!”, responderam o bom dia em Kambeba, riram, em seguida me apresentei e pedi para cada um falar o nome e como estava se sentindo naquela manhã; todos se apresentaram e expressaram se sentir muito bem.

Ao iniciar a atividade, pedi para cada criança falar uma palavra em português, a primeira que surgisse em suas mentes, o acervo definido foi o seguinte: árvore, casa, galo, gato, garota, lápis, melancia; desenhei no quadro da melhor maneira que pude a imagem de cada uma, a atividade com associação de imagens e construção de palavras consistia em observar as figuras e escrever seus nomes da maneira como achavam que a palavra era escrita; dei um tempo para todos tentarem, em seguida, registrei no quadro o banco de palavras na língua portuguesa e pedia para me ensinarem como falar na língua materna.

A intenção não era aprender sobre a língua Kambeba, mas sim, explorar a oralidade. Houve variação da imagem da garota que também foi descrita como menina, um processo importante para compreensão de marcas da oralidade, já era esperado que escrevessem da maneira como escutavam as palavras. Para finalizar, as crianças pensaram em frases com essas figuras, oralmente, enquanto eu transcrevi todas no quadro, um momento de bastante euforia; as crianças começaram a interagir de maneira intensa, então, trabalhamos dificuldades fonéticas, o processo de construção e significação de palavras, a leitura e a escrita. Findamos com uma leitura coletiva das frases deles/as.

Balizada pelas discussões abordadas por Magda Soares (2004) nas práticas de Letramento, a criança recebe os estímulos da aprendizagem inicial da língua escrita e com a mediação adequada é necessário atribuir um contexto que possibilite a interação e desenvolva o uso competente da língua ensinada em práticas sociais: fala, leitura e escrita.

Figura 4: Registro de realização da atividade



Fonte: Arquivo LEPETE (2022)

DIÁRIO PEDAGÓGICO DAS AÇÕES: 23 DE JUNHO DE 2022

No dia 23 de junho de 2022, minha segunda vez na escola, trabalhei “Campo Da Vida Cotidiana”, para além da orientação da professora Bruna; estive em parceria com o AD Felipe Anveres, o objetivo central era discutir questões de território e demarcações a partir da contribuição dos educandos sobre a temática, por fim realizar a produção de um desenho que representasse a relação dos alunos com os seus próprios espaços.

Iniciamos a leitura de um mapa-múndi, deixamos as crianças bem à vontade, naquele momento as vozes se misturaram, “o mundo todo cabe aí?” “onde nós estamos?”, perguntas e respostas surgiram, resultando na proposta da turma de caminharmos pela comunidade, em unanimidade; eu e Felipe acatamos a ideia, afinal, a caminhada é ideal para a presente discussão em sala.

Figura 6: Turma do 1º ano posando para foto em um trecho da caminhada



Fonte: Arquivo pessoal (2022)

Posto isto, os papéis foram invertidos, de repente eu e o AD Felipe éramos os alunos deles, e em cinco minutos de caminhada, surgiu um pequeno sapo; um deles não pensou duas vezes e agarrou o anfíbio, não demorou muito e o sapo já estava passando de mão em mão, inclusive nas minhas, entre gargalhadas e brincadeiras com o bichinho. Numa atitude de cuidados com o animal, os meninos foram repreendidos pelas meninas, surgiu a fala: “não faz assim, ele não tá te fazendo nada de ruim pra ti fazer isso”, nós, AD, também intervimos, reforçamos a fala da aluna, avistamos um canteiro com flores e pedimos para os meninos deixarem o animal lá.

Ao continuar a caminhada, as crianças alertavam sobre lugares que não poderíamos ficar muito próximos devido aos perigos do ataque de escorpião e cobra, passamos por um jirau com fósseis de animais, nos deparamos com muitas hortas e jardins dos moradores, a maioria de familiares deles – saudamos muitos pelo trajeto –, fomos abordados por algumas cabas, as crianças contaram inúmeras situações em que sofreram com as picadas do inseto.

A sintonia deles com cada centímetro dos lugares por onde passávamos era notável, desde muito novos eles adquirem essa relação de respeito e intimidade com seus espaços, todos são conscientes de suas ações dentro da comunidade, isto determina a construção da identidade da criança ao longo de sua vida, Naine Terena (2017) descreve a importância desta relação da criança indígena com o mundo ao seu redor.

O que se pode observar acerca da educação e infância entre os povos indígenas, é que é na infância, que as relações que permearão a vida desses indivíduos são construídas. Para isso, os processos de vivência perpassam a convivência comunitária, com animais e a natureza num aprendizado que se caracteriza como socializadora (p. 113).

Antes de retornarmos para a escola, passamos à margem do rio, já descalços, colocamos os pés na água e conversamos sobre o cotidiano com o rio, duas alunas comentaram que tem sempre alguém nele, o motivo é a proximidade com as casas, também falaram sobre ficar com frio após muito tempo “dentro d’água”. Compartilhei minhas experiências e conexão com as águas, após isso ficamos observando a paisagem enquanto as crianças brincavam de molhar umas às outras.

Figura 7: brincadeiras e observações no rio



Fonte: Arquivo pessoal (2022)

Ao sentarmos no refeitório, cada um pegou uma folha de papel ofício, a atividade era livre, as crianças produziram o que desejaram no papel; um pote com giz de cera e lápis coloridos foi compartilhado entre elas, fizeram mapas, desenharam a si mesmas, tiveram a iniciativa de inserir grafismos, também comentei sobre os aparas de lápis de cor que estavam em um suporte para não sujar a mesa, orientei que poderiam usar em suas produções. Às 10h30, houve uma pausa para o horário da refeição das crianças.

Figura 8: Crianças desenvolvendo a atividade



Fonte: Arquivo LEPETE (2022)

As meninas logo terminaram, abrindo espaço para mais diálogos entre mim e elas, então fui convidada: “professora, bora fazer tecido?”, aceitei e perguntei: “como?”, as três levantaram e disseram para somente eu seguir, andamos uns metros, encontramos uma palmeira, uma delas disse para eu arrancar uma boa quantidade de folhas verdes, retornamos, sentamos à mesa e deram início à minha condução; pacientemente, me orientaram em cada movimento; nesse ínterim, foram comentando como aprenderam a atividade com suas ancestrais, exemplo dos conhecimentos repassado de geração em geração.

Figura 9: O ensinamento sobre a construção do tecido na palha



Fonte: Arquivo LEPETE (2022)

A professora Lucilene Pacheco, ao notar a cena e após ouvir atentamente as falas das meninas, afirmou: “você são muito inteligentes”., uma delas respondeu sem nem contar tempo: “Sim, nós indígenas, sabemos de tudo”. e ali diante dos meus olhos, tive a satisfação de presenciar o amadurecer dos frutos de uma educação que valoriza a criança, uma lembrança com significado inestimável que guardarei comigo por toda a minha jornada docente.

Depois de muitos trançados no fazer e refazer, encerramos com uma conversa sobre as produções de cada uma, incluindo o meu tecido, partilhamos sobre como foi o processo, a representação do que foi desenvolvido e falaram sobre os grafismos, elementos como arco e flecha que costumam praticar no campo próximo à escola, histórias sobre a “mui mui” (que significa cobra na língua portuguesa), e costuma nadar nas partes mais quietas do rio. Após tantos aprendizados ensinados a mim, foi anunciado o fim do horário de aula, recolhi as atividades, nos despedimos e as crianças seguiram para suas casas.

Figura 10: Grafismo na representação cultural



Fonte: Arquivo pessoal (2022)

TEORIA E PRÁTICA: AS FORMAÇÕES MINISTRADAS PELO PAD

As formações no LEPETE são essenciais nas vivências diárias dos AD nas escolas, não somos vistos como simples substitutos, há um olhar atento para que nossas práticas docentes em tantos e diversos espaços escolares sejam efetivas, um trabalho sério que revela continuamente novos processos teórico-metodológicos como possibilidades de melhorias educacionais. Logo, nossas formações perpassam por diferentes emblemáticas da educação nacional, indo desde a discussão de legislações que regem o setor, até as práticas pedagógicas que são realizadas nas escolas integrantes do projeto.

Neste contexto, destaco as relacionadas à Alfabetização e Letramento na prática intercultural. Por meio delas, expandi minhas reflexões sobre uma educação comprometida com o desenvolvimento integral dos alunos com base em honrosos educadores como Magda Soares e Paulo Freire. Ao explorar suas contribuições, expandi meu repertório de estratégias pedagógicas, compreendendo a importância de abordagens mais inclusivas, contextualizadas e expressivas.

As formações ministradas aos AD foram essenciais para o desenvolvimento deste relato, além de basilares para a construção de minhas pedagogias nas escolas que integram o programa, seja as em zonas urbanas, rural, ribeirinha ou indígena, certamente contribuíram para o desenvolvimento das minhas didáticas, metodologias, nossas discussões, reuniões nas quais partilhamos as avaliações, as vivências da arte da docência nas turmas atendidas pelo PAD e meus ideais políticos pedagógicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escolha pela educação foi uma das decisões mais significativas que tive, ter me comprometido com pessoas que ainda desconheço, criar um espaço seguro e acolhedor onde elas se sintam à vontade para expressar suas ideias e ampliar seus repertórios não é fácil, todavia, as minhas experiências enquanto AD, incentivam meu compromisso com meus atuais e futuros alunos, para desta maneira eu continuar lutando por uma educação de qualidade, inclusiva, gratuita e libertadora.

Ao longo deste relato, valorizei a importância da educação como prática de liberdade, reconhecendo sua essencialidade para o desenvolvimento humano e social. Por meio dessa abordagem, considereei que a educação não é apenas a transmissão de conhecimentos, mas também um processo transformador que permite que indivíduos se tornem agentes ativos na construção de suas próprias vidas e da sociedade em que vivem.

Por fim, agradeço ao Povo Kambeba, com quem aprendi muito do que ainda vou exercer, em especial à Escola Kanata T-Ykua, equipe pedagógica e estudantes que me acolheram, conduziram e iluminaram os caminhos trilhados até aqui.

Referências

BRASIL. Decreto Nº 6.861, de 27 de maio de 2009. **Dispõe sobre a Educação Escolar Indígena, define sua organização em territórios etnoeducacionais, e dá outras providências.** Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2009. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2009/decreto-6861-27-maio-2009-588516-publicacaooriginal-113090-pe.html>. Acesso em: 21 abr. 2023.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A Construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser.** Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Acesso em: 19 de abril de 2023.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade.** 20. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1991.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura)

MANAUS. Lei Nº 2.781, de 16 de setembro de 2021. **Dispõe sobre a criação da categoria Escola Indígena Municipal, dos cargos dos profissionais do magistério indígena, da regularização dos espaços de estudos da língua materna e conhecimentos tradicionais indígenas na rede municipal de ensino da Secretaria Municipal de Educação, no âmbito do município de Manaus, e dá outras providências.** Manaus, AM: Diário Oficial, 2021. Disponível em: <http://leismunicipa.is/fzabs>. Acesso em: 21 abr. 2023.

MUNDURUKU, Daniel. **O caráter educativo do movimento indígena brasileiro (1970-1990).** São Paulo: Paulinas, 2012.

PIMENTA, Selma Garrido. **Formação de professores:** Saberes da docência e identidade do professor. São Paulo: Nuances, v. 3, p. 5-14, set. 1997.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento:** caminhos e descaminhos. São Paulo: Pátio - Revista Pedagógica, p. 96-100. 29 fev. 2004.

TERENA, Naine. **Espaços-tempos da Infância Terena:** do quintal de casa à escola indígena. Sociedade e Infancias. Madrid: Ediciones complutense. v. 1, p. 107-125, jul. 2017.

VEIGA, Juracilda; SALANOVA, Andrés (orgs.). **Questões de Educação Escolar Indígena:** da formação do professor ao projeto de escola. Brasília: FUNAI/DEDOC. Campinas/ALB, 2001.